

“A IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO PESSOAL NA ‘COMPOSIÇÃO’ DO ‘SER MUSICOTERAPEUTA”

Joanessa Nunes Oliveira¹⁶

Resumo: O presente trabalho configura uma pesquisa bibliográfica com o tema: “A importância do conhecimento pessoal na ‘composição’ do ‘ser musicoterapeuta””. O objetivo deste trabalho é discutir no âmbito da Musicoterapia, uma reflexão de como os estudantes e futuros profissionais desta ciência trilham seu caminho para serem terapeutas, principalmente no que diz respeito ao seu conhecimento a nível pessoal. Este é um ponto muito importante na “composição” do “ser musicoterapeuta”, pois este é um profissional que deverá ter, além dos conhecimentos técnicos e científicos, o conhecimento de seu próprio ser, para desta forma, “estar exato” para si e conseqüentemente para os clientes.

Palavras-chave: Musicoterapia - formação do musicoterapeuta - conhecimento pessoal.

Abstract: This paper is a bibliographical research of the following theme: “The Importance of Knowing Yourself in the ‘Composition’ of being a Music Therapist.” The goal of this research is to discuss how the students of the field of Music Therapy walk the path of becoming a therapist, especially on a personal level. This is a very important aspect in the “composition” of being a “Music Therapist, ” for this kind of professional must not only have technical and scientific knowledge of the field, but also be sure about who he/she is, so that he/she may deal efficiently with himself/herself and consequently with his/hers patients.

¹⁶ Musicoterapeuta formada pela Faculdade de Artes do Paraná – FAP, professora de Canto e Técnica Vocal, Professora de Musicalização Infantil. E-mail: joanessa_nunes@hotmail.com

Keys words - Music Therapist; Music Therapist formation; Personal knowledge

Introdução

Este artigo configura-se em um relato de pesquisa bibliográfica de graduação em Musicoterapia pela Faculdade de Artes do Paraná. Por tratar-se de um recorte a temática que ganhará destaque neste trabalho será os escritos sobre o conhecimento pessoal apresentado por autores como: Rogers (1977), Feldman (2001), Barcellos (1999) Meneghetti (2005), Cirigliano (1998) e Vallée (1992).

O presente artigo dará ênfase ao conhecimento pessoal do musicoterapeuta e a sua importância enquanto mediação para o futuro profissional da Musicoterapia, sendo uma parte dos escritos destinados ao relato de experiência pessoal vivida pela proponente deste trabalho ao longo dos seus quatro anos de formação.

Trabalhar com questões emocionais de pessoas doentes remete sempre o terapeuta a ter de enfrentar os seus “bichos”, seus medos, sua ansiedade, a impotência, e a sua própria doença. Não esta física, a qual podemos ver, tocar, mas aquela psíquica, a qual somente podemos sentir.

Os diversos pensares sobre Musicoterapia e Música

“Faz-se a arte musical por meio de indivíduos que se tornam eles próprios música. Um criativo, pela sua natureza de ação, formaliza a criatividade não somente segundo a sua tipologia da sua unicidade e irrepitibilidade individual, mas também provoca o que no outro é vital universal.”

(MENEGETTI, 2005, p.82).

Fazer arte musical ser e se tornar música, usar a criatividade, fazer acontecer esta criatividade segundo um modo que lhe é próprio, único e irrepitível, e ainda provocar no outro a “vida”, parece a definição de um caminho grandioso e

responsável para um profissional da Musicoterapia, que usa da beleza e da grandeza do universo musical para conduzir o seu cliente a trilhar novos horizontes de descoberta interior.

Mas como trilhar esta estrada? De que modo? Qual a fórmula secreta para aliar música e a possibilidade de ajudar um sujeito a ter um verdadeiro encontro com o seu ser?

Pensar sobre o ser musicoterapeuta é mergulhar primeiramente no universo do ser músico e do ser terapeuta, pois ambos caminham lado a lado; como figura e fundo, cujo valor da importância são imensuráveis. Lembrando Barcellos (2004): “a Musicoterapia é um rio que corre pelos dois leitos: o da música e o da terapia” (p.1).

Em contato com o grande universo de compreensão existente na área da música percebemos também o porquê das diversas definições que encontramos acerca da Musicoterapia. A partir do momento que existem vários modos de ver e compreender o mundo, partindo das experiências, da “filosofia” pessoal, do modo como cada musicoterapeuta compreende a música e sua relação com ela, existem também várias maneiras de atuação e de sistematizar um pensamento. A experiência dirá por que caminho teórico o profissional seguirá e delineará sua estrada.

Segundo Bruscia (2000) “cada definição de Musicoterapia reflete um ponto de vista muito específico sobre o que é música, sobre o que é terapêutico na música, sobre o que é terapia e como a música se relaciona com ela, e porque as pessoas precisam de música e de terapia para se manterem saudáveis” (BRUSCIA, 2000, p.4).

Do mesmo modo o universo da música quando pensada em termos de arte é de tal forma grandioso que, muitas vezes, as palavras tornam-se pouco, e somente a experiência vivenciada é que faz o retrato da realidade. Costa (1989) afirma que “na linguagem musical não existe a relação de denotação, logo não existe o par significante-significado denotativo” (p. 64), ou seja, por meio da diversidade do percebido, ocorre que muitas vezes, os signos

linguísticos tornam-se insuficientes tradutores de tais experiências.

“Ser Musicoterapeuta”: um constante aprendizado de si mesmo...

“Sabe ajudar o outro aquele que sabe ajudar a si mesmo” (FELDMAN, 2001, p.42).

Sabemos que não há fórmula nem regra pré-determinada, nem bula e muito menos legenda pra ser um terapeuta. No entanto existem os métodos, ou seja, os caminhos para se chegar a um fim, os estudos, as técnicas, enfim uma base metodológica e científica que nos dão as diretrizes e nos alicerçam para que formalizemos um pensamento. Mas será que isto é o bastante?

Valleé (1992) afirma que:

Um terapeuta em Musicoterapia es un sujeto que há trabajado en el sentido de apertura sobre si mismo, apertura de nuevos canales de comunicación a partir de los elementos sonoros musicales. Esto exige un trabajo importante de desarrollo personal y un trabajo sobre su propia resonancia (VALLEÉ, 1992, p.15).

Trabalhar a “ressonância” própria de cada musicoterapeuta é trabalhar a sua música e a sua potencialidade musical. É preciso conquistar a consciência da importância e da relevância da relação que este sujeito estabelece com o fazer musical, com as experiências vividas, sejam elas memórias, lembranças, sentimentos, enfim, toda a gama relacional que a música participa em sua história, pois fatores como estes fazem toda a diferença numa atuação profissional em Musicoterapia. A diferença está no modo com que o terapeuta irá perceber a música em si e no outro.

O musicoterapeuta deve buscar ser um “terapeuta do equilíbrio”, no sentido de estar aliando os vários elementos que o constitui: enquanto pessoa, seus cuidados pessoais, seu

constante aprendizado e a reflexão acerca da música, além da incessante busca pelo aprimoramento técnico, sempre tendo reconhecido de novas abordagens teóricas e das atualizações na sua área de atuação.

Segundo Cirigliano (1998) o musicoterapeuta pode deparar-se com situações em que o fluxo do diálogo musical possa estar interrompido, impedindo o fluir nas intervenções terapêuticas. Para tanto, a autora deixa clara a importância de o musicoterapeuta conhecer-se, para que faça uso das “canções âncoras” como um recurso positivo na prática terapêutica. Desnecessário comentar que o uso das âncoras musicais requer cuidado, auto conhecimento, atenção, e sobretudo, sensibilidade para perceber o momento adequado de intervir. Somente através da prática de investigação clínica parece ser possível aprofundar este conhecimento. Em suma, uma viagem para dentro de si mesmo enquanto musicoterapeuta que, também traz uma história musical (CIRIGLIANO, 1998, p.39).

“Abrir canais de comunicação” próprios, compreender os sentidos e os significados da música num contexto pessoal para depois utilizar seus conhecimentos técnicos de modo mais eficaz, possibilita uma qualidade terapêutica, e porque não dizermos, até mesmo ética na Musicoterapia. É importante que o musicoterapeuta saiba reconhecer seus entraves e potencialidades e ter se trabalhado pautado sobre este viés.

Barcellos (1999) reforça esta questão quando diz:

Melhor ainda seria se cada musicoterapeuta pudesse ser musicoterapeutado, isto é, pudesse passar pelo processo musicoterápico, vivenciar todos os aspectos do mesmo, para, mais tarde, poder aplicar aquilo que aprendeu na teoria e vivenciou na prática como paciente, sendo que aqui teríamos mais uma vantagem: a de o musicoterapeuta ter conhecido sua Identidade Sonora, das suas preferências e

desagrados para não misturar os aspectos que lhe são característicos com aqueles dos pacientes (BARCELLOS, 1999, p.52).

Realmente o melhor seria se cada profissional que lida com o humano se conhecesse. Neste caso, melhor seria se cada estudante, ainda em formação, tivesse consciência da importância de seu conhecimento pessoal, suas potencialidades e seus “desajustes” emocionais.

Minhas Inquietações na busca de “ser Terapeuta”

Desde o início da minha formação em Musicoterapia me instigava saber o que realmente deveria ser e fazer um terapeuta para que de fato pudesse ajudar as pessoas a serem mais felizes e realizadas por meio da Musicoterapia. Para mim isto era uma constante busca.

Com o passar das experiências vividas percebi que ser um terapeuta é ser um desbravador do humano, de si próprio, dos clientes e da vida. Um terapeuta passa a observar com outro olhar todos os tipos de relações possíveis. Uma vez terapeuta, uma vez crítico de ações, analista de comportamentos, reflexivo dos aspectos emocionais, psíquicos entre outros. O terapeuta é uma pessoa que deve estar sempre atento a todas as questões nas quais está envolvido, seja em casa, com a família, nas amizades, enfim, nas relações sociais normais, para que desta forma seja um sujeito mais feliz e melhor preparado para lidar com os problemas de outros sujeitos na sua profissão.

Baker (1967) relata que

Nenhum terapeuta deveria tentar tratar pacientes que tenham problemas que ele não foi capaz de solucionar em si mesmo, e nem deveria esperar que um paciente faça coisas que ele não pode fazer e que não foi capaz de fazer (BAKER, 1967 citado por FRADIMAN; FRAGER, 1986, p.102).

Rogers (1977) reforça esta questão quando fala

O terapeuta deve se esforçar, tão plenamente quanto possível, em se conduzir como pessoa – não como especialista. Seu papel consiste em pôr em prática atitudes e concepções fundamentais relativas ao ser humano – não na aplicação de conhecimentos e de habilidades especiais, reservados exclusivamente a seus contatos terapêuticos (ROGERS, 1977, p.9).

Sabemos que a busca do conhecimento pessoal dura uma vida inteira, mas é preciso que em algum momento este profissional da “alma”, do Ser, vá até ao encontro de si mesmo, e faça a sua estrada pela busca do seu auto-conhecimento. Um musicoterapeuta possui ainda mais responsabilidades, pois além de ter de se conhecer enquanto pessoa, precisa também despertar em si a consciência para o trabalho de sua musicalidade, vista tanto como essência humana, quanto técnica musical. De fato, a partir do momento em que o musicoterapeuta for em busca de seu conhecimento pessoal, terá ferramentas para análise deste fator, terá consciência de onde se escondem seus bloqueios e suas potencialidades e qual o melhor modo de lidar com elas. Conhecendo seu ser, conhecerá sua música.

Responsabilidade parece uma boa palavra para argumentar a respeito do conhecimento pessoal para um terapeuta, e por isso é importantíssimo que esta responsabilidade seja trabalhada ainda na época de formação do musicoterapeuta. Compreendemos que a faculdade ou a universidade tem seu foco voltado para a formação do estudante, possibilitando a ele conhecer áreas de trabalho, assuntos correspondentes a sua atuação, disciplinas específicas da música, e toda a gama de conhecimentos técnico-científicos indispensáveis, mas em nenhum momento há qualquer impedimento de que se trabalhe esta temática, que talvez esteja um tanto que adormecida no meio acadêmico.

A universidade forma o aluno, mas neste caso, na formação em Musicoterapia, forma mais que isto, forma terapeutas. Diferente de arquitetos os quais planejarão estruturas físicas, matemáticos que utilizarão números como meio de trabalho, diferente de advogados que terão como base as leis da constituição, terapeutas trabalharão com o humano, com a psique humana, com a dimensão afetiva (emoções e sentimentos), com as experiências, traumas, alegrias das pessoas, e todos estes profissionais têm grande responsabilidade nestes seus fazeres. Musicoterapeutas trabalharão com a música e com pessoas, uma arte em pleno e infinito movimento, terão acesso ao campo da subjetividade, com os signos verbais e não-verbais. Isto tudo não quer dizer que os musicoterapeutas, psicólogos enfim, terapeutas de um modo geral, sejam melhores que outros profissionais, pelo contrário, quer abordar a essência desta profissão, que é o cuidado e o respeito com o Ser.

Conclusão

Os autores apresentados neste trabalho, de alguma forma nos apresentaram com os seus escritos, pois buscaram reforçar a identidade do terapeuta enquanto pessoa, não se referindo de um modo individualista - o terapeuta que só pensa nele mesmo - mas pelo contrário, fazendo referência ao terapeuta que conhece a si próprio e que desta forma ajuda e entende ainda mais o seu cliente.

O musicoterapeuta a partir do momento que se conhece, passa também a conhecer sua própria “música”/musicalidade, e compreende mais facilmente a “música”/musicalidade de seu cliente. A relação musicoterapêutica na qual irá atuar terá mais segurança e maiores respostas, e isto ele obterá a partir do momento que estiver “afinado” com o seu instrumento, sua “essência” enquanto pessoa humana.

O musicoterapeuta deve buscar ter a “forma de um diapasão”: partir sempre de si, abrindo-se em duas partes – a sua e a do cliente - e retornar sempre ao uno, seu próprio ser –

se formos tecer uma metáfora com a forma e com a estrutura de um diapasão no formato de “garfo”.

Importante deixar claro, que a temática descrita neste trabalho, não esgota aqui as referidas discussões, mas pelo contrário, busca suscitar ainda muitas reflexões relevantes à “composição” do musicoterapeuta pelo viés do seu conhecimento pessoal. Este foi apenas um importante começo, cujo escopo foi o de semear idéias ao público da Musicoterapia, e despertar a vontade dos musicoterapeutas, para que voltem mais o olhar para dentro de si mesmos, como uma forma de ser/estar “mais inteiro” na relação musicoterapêutica. Esta postura, certamente, refletirá, passo-a-passo, na construção de uma Musicoterapia mais consolidada enquanto ciência e profissão, uma vez que a Musicoterapia “é” e “se torna” o que os profissionais musicoterapeutas fazem dela e com ela, não desconsiderando o contexto sócio-histórico e cultural onde estão todos inseridos. Mais uma vez, então, direcionamos o olhar para a questão da responsabilização.

Referências

BARCELLOS, Lia Rejane Mendes. **Cadernos de Musicoterapia 4:** Etapas do Processo Musicoterápico ou para uma metodologia em Musicoterapia. Rio de Janeiro: Enelivros, 1999. 52 p.

BRUSCIA, Kenneth. **Definindo Musicoterapia.** 2. ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000. 4 p.

CIRIGLIANO, Márcia. **A Canção Âncora:** descrevendo e ilustrando a contratransferência em Musicoterapia. Revista de Musicoterapia. Ano IX, nº7, 2004.

CIRIGLIANO, Márcia. **Pesquisa na Clínica Musicoterápica:** a Canção como Âncora Terapêutica. Revista Brasileira de Musicoterapia. Ano III, nº 4.1998. 39 p.

COSTA, Clarice Moura. **O despertar para o outro:**

Musicoterapia. São Paulo: Summus, 1989. 64 p.

FELDMAN, Clara. **Construindo uma relação de ajuda.** 12. ed. Belo Horizonte: Crescer, 2001. 42 p.

FRADIMAN, James; FRAGER, Robert. **Teorias da Personalidade.** São Paulo: Ed. Harbra, 1986. 102 p.

MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Melolística.** 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologia Editrice, 2005. 82 p.

MENEGHETTI, Antonio. **Residence em Moscou.** 2. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicologia Editrice, 2005.

ROGERS, Carls R. **Psicoterapia e Relações Humanas:** teoria e prática da terapia não-diretiva. Belo Horizonte: Enelivros, 1977.

ROGERS, Carls R. **Tornar-se Pessoa.** Trad. Manuel José do Carmo Ferreira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1977. 9 p.

SANTOS, Marco Antonio Carvalho. **Sobre significados e sentidos da Música e da Musicoterapia.** Revista de Musicoterapia, n. 6, 2002.

VALLÉE, Roland. **El espacio terapeutico en Musicoterapia.** Texto de la Conferencia dada en Nantes. Revista de Musicoterapia: Música, Terapia y Comunicación, n. 11, p. 15-24. Bilbao (Espanha), 1992, 15 p.